

Entre muros e pontes: as reapropriações historiográficas contemporâneas do legado retórico antigo

Eduardo Wright Cardoso

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 05 nov. 2023

Aprovado em: 25 mar. 2024

Aprovado em: 16 maio 2024

Resumo

As relações, contatos e distanciamentos entre a história e a retórica nunca deixaram de inquietar historiadores(as) e teóricos(as) da história, bem como oradores(as), retóres(as) e filósofos(as). Se na Antiguidade o saber histórico tecia relações próximas com a prática retórica a ponto de ser possível caracterizar a historiografia antiga como uma “história retoricizada”, na época contemporânea esse legado e suas consequências produziram debates importantes, sobretudo, a partir da década de 1970 – momento caracterizado como “giro linguístico”, mas também denominado, sugestivamente, de “viragem retórica”. O que se verifica, portanto, é que da Antiguidade aos dias atuais, a história e a retórica enfrentaram tanto momentos de aproximação e contato quanto, igualmente, situações de ruptura e distanciamento. O intuito desse artigo é, pois, mapear, a partir de uma perspectiva contemporânea, dois encaminhamentos diversos acerca das relações entre os saberes histórico e retórico. Arnaldo Momigliano, na década de 1980, procura refutar as contribuições de Hayden White e vetar qualquer ligação entre a história e a retórica. Na década seguinte, Paul Ricoeur retoma o tema e oferece novas conclusões e desdobramentos. Assim, ambos respondem a White mobilizando não apenas concepções diversas de história e retórica mas, sobretudo, propondo construções antagônicas de contato e relação entre os saberes.

Palavras-chave: História. Retórica. Arnaldo Momigliano. Paul Ricoeur. Hayden White.

Uma versão preliminar desta pesquisa foi apresentada no 31º Simpósio Nacional de História, ocorrido em julho de 2021.

* Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História. Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto; graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: edu.wright@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6932-1000>

 <http://lattes.cnpq.br/4079956200701552>

Between walls and bridges: contemporary historiographical reappropriations of ancient rhetorical legacy

Eduardo Wright Cardoso

Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil

Received: 5th Nov. 2023

Approved: 25th Mar. 2024

Published: 16th May 2024

Abstract

The interaction and estrangements between history and rhetoric have never ceased to preoccupy historians and theorists of history, as well as orators, rhetoricians and philosophers. If in antiquity historical knowledge was so closely linked to rhetorical practice that it was possible to characterize ancient historiography as a “rhetorical history”, in modern times this legacy has produced significant debates, particularly since the 1970s – a period commonly known as “linguistic turn”, but also suggestively referred to as the “rhetorical turn”. Thus, it is clear that from antiquity until the present day, history and rhetoric have been subjected to both periods of reconciliation and interaction, as well as periods of separation and alienation. The goal of this paper is to delineate, from a contemporary perspective, two distinct approaches to the relationship between historical and rhetorical knowledge. In the 1980s, Arnaldo Momigliano attempted to deny Hayden White’s contributions about this topic, rejecting any link between history and rhetoric. Paul Ricoeur returned to this subject during the next decade, presenting new insights and ideas. Thus, both respond to White by mobilizing not only different conceptions of history and rhetoric but, above all, by proposing antagonistic constructions of contact and relationships between knowledges.

Keywords: History. Rhetoric. Arnaldo Momigliano. Paul Ricoeur. Hayden White.

* Professor at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, Department of History. PhD in Social History of Culture from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro; MA in History from the Federal University of Ouro Preto; BA in History from the Federal University of Rio Grande do Sul. Email: edu.wright@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6932-1000>

 <http://lattes.cnpq.br/4079956200701552>

A proximidade ou o afastamento entre a história e a retórica tem ocupado um espaço significativo nas reflexões relativas aos dois saberes. Algumas iniciativas, aliás, procuraram abordar os diálogos e vetos considerando o intermédio de Aristóteles. Para citar algumas contribuições mais recentes, Raymond Weil (1960) adotou o título *Aristóteles e a História* para discutir, em 1960, a composição da “Política” aristotélica. Muitos anos depois, mais precisamente em 1999, a dupla – Aristóteles e história – foi retomada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg no texto “Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez” que posteriormente comporia seu livro *Relações de força: história, retórica, prova*, publicado em 2000 (2002, p. 47-63). Na sequência, em 2011, o título foi mobilizado pelo historiador francês François Hartog (2011a) para tratar não apenas da argumentação de Ginzburg, mas também de algumas proposições de Hayden White e Paul Ricoeur sobre as relações entre a história e a retórica. O texto modificado tornou-se um capítulo de *Crer em história*, obra lançada na França em 2013 (Hartog, 2017, p. 85-117). Outras contribuições atestam o vigor e a atualidade do debate sobre os limites e contatos entre os saberes. Sem o objetivo, contudo, de esgotar o levantamento bibliográfico, é possível citar mais alguns exemplos: o tema é explorado para abordar a retomada dos estudos relacionados à retórica de um ponto de vista histórico (LaCapra, 1985, p. 15-44), para conceber uma “retórica da história” e das ciências humanas (Megill; McCloskey, 1987), para identificar os aspectos poéticos (Boulay, 2011) e retóricos do discurso histórico (Alexandrova, 2010, p. 31-42), para discutir o valor da prova no contexto antigo (Butti de Lima, 1993) ou atual (Chartier, 2022), além de ser objeto de eventos (Hostein, 2003) e dossiês de revistas acadêmicas (Cogitore; Ferretti, 2014). No âmbito acadêmico brasileiro, o assunto também está presente, seja em obras coletivas (Joly, 2007), em estudos especializados (Silveira, 2020) ou em artigos científicos (Correa, 2023). Considerando esta recorrência e a riqueza do debate, não seria despropositado, acredito, defender que as reflexões que aproximam ou distanciam a história da retórica, constituem um *topos*, ou seja, envolvem respostas para uma questão desafiadora que, no caso em questão, incluem concepções sobre o próprio valor do conhecimento histórico e da prática retórica e, conseqüentemente, sobre os modos legítimos e adequados para desenvolvê-los.

A sugestão de que as relações entre história e retórica podem ser concebidas a partir da ideia de *topos* tem como vantagem a identificação de uma longa vigência ou tradição de reflexões sobre a temática. Roland Barthes (2001), por exemplo, no seu estudo sobre a retórica, sugere que a tópica poderia ser concebida como uma “grade de formas” de modo a estimular a busca de argumentos persuasivos (p. 68). Afinal, é possível argumentar que os contatos e os distanciamentos entre os saberes histórico e retórico nunca deixaram de inquietar historiadores(as) e teóricos(as) da história, bem como oradores(as), retóricos(as) e filósofos(as). Se na Antiguidade o saber histórico tecia relações próximas com a prática retórica a ponto de ser possível sugerir que a historiografia dependia “claramente da retórica” (Hartog, 2011b, p. 178), na época contemporânea esse legado e suas conseqüências ensejaram debates

importantes, sobretudo, a partir da década de 1970 – momento caracterizado como “virada linguística”, mas sugestivamente denominado também de “viragem retórica” (Ginzburg, 2002, p. 68). A virada, enfim, recoloca o tema da narrativa – longamente ocultado, segundo Hartog (2011b, p. 178) – em discussão. Desse modo, a própria delimitação de um período específico e distinto – a partir da noção de “giro” ou “virada” – permite sugerir a composição de um novo capítulo para o *topos* num momento no qual a retórica parece se disseminar em diferentes áreas e campos (Wellbery, 1998, p. 29).

Segundo Hartog (2017), seria possível identificar o ano de 1973 como uma data relevante para a questão. Com a publicação de *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* o historiador norte-americano Hayden White teria sido o responsável por reabrir os laços entre a história e a retórica (p. 106). É válido indagar qual seria exatamente a retórica mobilizada por White – retórica essa com uma forte dimensão poética –, mas parece não haver dúvidas de que sua iniciativa despertou, nos anos seguintes, debates que potencialmente emularam as disputas antigas, seja pelos argumentos, seja pela virulência, que cindiram a filosofia e seu outro, a retórica (Cassin, 2005, p. 143-210). Se as posições de Ginzburg e White já foram estudadas de modo bastante consistente em alguns dos materiais citados acima, creio que há outras peças do debate que mereceriam maior aprofundamento e discussão. Esse artigo se propõe então a realizar uma incursão pelo *topos* voltado às relações entre história e retórica recuperando alguns participantes centrais, como Arnaldo Momigliano e Paul Ricoeur, na medida em que ambos procuraram responder a White em textos das décadas 1980 e 1990. Para isso, o artigo encontra-se dividido em três seções: na primeira, busco abordar três intervenções do historiador italiano sobre a obra de White, o (des)valor da retórica e as formas legítimas de desenvolvimento da prática histórica. No segundo momento, pretendo discorrer sobre um texto de Paul Ricoeur sobre o assunto que, publicado em 1994, parece ter recebido pouca atenção até o momento. Seu posicionamento sobre o *topos*, acredito, é bastante diverso daquele de Momigliano e acrescenta novas dimensões ao debate. Por fim, na última parte, tento elaborar algumas conclusões partindo dos materiais consultados para analisar os desdobramentos da contenda e os impactos da reapropriação, na reflexão historiográfica contemporânea, do legado retórico antigo.

1. Momigliano e a historiografia diante do caos

Aquilo que Hayden White reuniu, Arnaldo Momigliano busca separar. O divórcio é apresentado como o melhor remédio em três intervenções na metade inicial da década de 1980. Em texto de 1981, intitulado “A retórica da história e a história da retórica: sobre os tropos de Hayden White”, o historiador italiano recupera a própria história da relação entre os saberes, história essa, contudo, marcada por uma obstinada estabilidade. Antes de abordar o argumento, é importante recuperar o contexto da intervenção.

O texto é publicado pela *Revista da Associação Britânica de Literatura Comparada* que

destina uma parte de seu terceiro volume ao tema “Retórica e história”. Na nota editorial, Elinor Schaffer inaugura sua apresentação do volume com o diagnóstico de uma suposta reformulação ou retraimento da categoria do real ou do realismo. O impacto disso seria profundo: “A ficção e a história abandonaram de bom grado a pretensão de relatar o que realmente aconteceu e insinuaram diretamente que, de fato, não se tratava mais disso” (Schaffer, 1981, p. xi).¹ A sentença que parece evocar, por meio de um contraste, o famoso dito rankeano de contar o que realmente aconteceu, fundamenta-se na crença de que o abandono do real como um critério norteador transfere a críticos e leitores uma liberdade quase plena – e, portanto, perigosa. Schaffer ainda acrescenta que, a partir desse momento, “Tudo o que temos é interpretação”.² Diante disso, torna-se desafiador estabelecer as normas para uma análise comprometida, seja na história, seja na crítica literária: “A questão que precisa ser colocada em qualquer caso é qual o grau de liberdade requerido para atingir um determinado fim” (*Ibidem*, p. xiv).³

Esta advertência ecoa, ainda segundo Schaffer, a proposta de Momigliano: para o historiador italiano, o abandono de um critério específico, a saber, o objetivo de desvelar a verdade histórica, significaria um afastamento em relação às premissas fundamentais da disciplina. Evidentemente, críticas semelhantes à história já haviam sido feitas em diferentes momentos. O próprio Momigliano recorda, em seu clássico *The Development of Greek Biography*, obra publicada originalmente em 1971, a “pouca simpatia” demonstrada por Aristóteles em relação à historiografia de seu tempo – o que poderia ter levado o estagirita a minorar, na “Poética”, o valor da história em comparação à poesia (1993, p. 66). A despeito dessa apreciação adversa, Momigliano considera a posição aristotélica acerca do conhecimento histórico importante. Isso porque “Aristóteles não se limitou a expressar críticas à história tal como a conhecia. Ele trabalhou com todas as suas forças, pelo menos nos últimos anos de sua vida, para superar o que considerava serem as deficiências da escrita histórica comum” (*Ibidem*, p. 67).⁴ Suas contribuições incluiriam, por exemplo, a coleta e a organização dos fatos, a substituição de narrações por análises sistemáticas, além da fundamentação empírica para a sua filosofia. Nesse sentido, ainda que crítico à historiografia corrente, Aristóteles é reivindicado por Momigliano como uma autoridade capaz de resguardar o valor

1 As traduções são de minha autoria. Reproduzo no rodapé as citações originais. “*Fiction and history have gladly abandoned their pretence of telling us as it really was, and have strongly hinted that it wasn't, really*”.

2 “*All we have is interpretation*”.

3 “*The question that needs to be asked in any case, is, what degree of freedom is required to achieve a given end*”.

4 “*Aristotle did not merely express criticism of history as he knew it. He worked with all his forces, at least in the last years of his life, to overcome what he judged to be the shortcomings of ordinary historical writing*”.

do conhecimento histórico. Isso fica explícito quando o historiador italiano equipara, na sequência do argumento, a posição de Aristóteles a de Pierre Bayle e Gottfried Leibniz que teriam, no século XVII, enfrentado o pirronismo mobilizando um novo tipo de pesquisa histórica baseada em documentos (*Idem*). A ênfase nesses momentos de disputa e perigo e, por extensão, a seleção dos defensores – mesmo que críticos – do saber histórico é parte da estratégia adotada por Momigliano.

Na Antiguidade, além disso, a luta pela verdade foi o critério que afastou a filosofia socrático-platônica da retórica sofística. Conforme demonstra Daniel Lopes, se inicialmente as figuras do filósofo e do sofista não se opunham integralmente e podiam inclusive se sobrepor em alguns aspectos, será no interior dos diálogos platônicos e, na sequência, na obra aristotélica, que a filosofia e a sofística passam a expressar formas antagônicas de conhecimento (Lopes, 2017, p. 36). Barbara Cassin, crítica da condição subalterna atribuída à sofística, sugere que o saber foi relegado à posição secundária a partir da mobilização de critérios alheios à prática: “Para avaliar a sofística com a medida do ser e da verdade, é preciso condená-la como pseudofilosofia: filosofia das aparências e aparências da filosofia” (1990, p. 9). A alusão à sofística aqui, creio, não é despropositada. Na Antiguidade, muitas são as considerações – e também as críticas – direcionadas ao poder sedutor do discurso, seja para enaltecer suas capacidades e potencialidades, como faz Górgias no *Elogio de Helena* (Górgias, 1993, p. 45), seja para censurar seu emprego inadequado, como argumentam Aristófanes em *As nuvens* (2003) e Platão em *Fedro* (Platão, 2016, p. 79). Algo análogo parece ocorrer na contemporaneidade: no seu texto de 1981, Momigliano reconhece, não sem certa surpresa, o fascínio que a redescoberta da retórica produziu nos estudantes de história, sobretudo, após o esforço dos historiadores de se afastarem dos retóricos. Esse esforço já era perceptível na própria Antiguidade, recorda o autor, seja por historiadores como Políbio, seja por não-historiadores como Luciano, que viam a retórica como contribuindo para distorção dos fatos ou ameaçando a integridade moral da história. Assim, ainda que a relação entre a história e a retórica tenha sido ambígua, não há dúvidas de que não há convergência entre as práticas (Momigliano, 1981, p. 268).

A reaproximação promovida por White, para Momigliano, parece no mínimo equivocada. Na abertura de seu texto, o especialista na Antiguidade clássica afirma temer a proposta porque, entre outras implicações, White “trata os historiadores, como quaisquer outros narradores, como retóricos a serem caracterizados por seus modos de discurso” (*Ibidem*, p. 259).⁵ Nesse sentido, o historiador italiano afirma que sua principal divergência em relação ao colega norte-americano diz respeito não ao passado, mas ao futuro da disciplina. O que parece estar em jogo é, sobretudo, uma indistinção da história, concebida como um modo de literatura. No entanto, essa posição demanda um questionamento prévio, basilar: o que

5 “He treats historians, like any other narrators, as rhetoricians to be characterized by their modes of speech”.

vem a ser a história para Momigliano?

O conhecimento histórico é apresentado sob o signo da verdade. Isso faz dos historiadores “descobridores da verdade” (*Ibidem*, p. 260). A história, marcada indelevelmente pela busca do verdadeiro parece, no entanto, ser pouco histórica, na medida em que Momigliano reforça a estabilidade e a permanência deste critério: “O processo de criação de uma nova estória pela eliminação crítica das outras estórias *significou no início do século V a.C. o que ainda significa no final do século XX d.C.*, que a estória verdadeira deve ser apresentada de acordo com a evidência enquanto as estórias falsas são apresentadas em conflito com a evidência” (Momigliano, 1981, p. 260-261. Grifos meus).⁶ A história se diferencia assim da épica, do romance e da propaganda porque, ao contrário destes gêneros, o controle da evidência não é opcional e sim compulsório.

A partir disso seria possível impor, normativa e qualitativamente, o que história deve ser e o que ela não pode ser, ou melhor, a diferença entre sua própria pesquisa e aquela empreendida por White e outros teóricos. Mais uma vez, a história de Momigliano parece ser composta pela imutabilidade. Nas suas palavras:

O que é verdade a meu respeito é verdade para qualquer outro historiador, seja no passado ou no presente. Como a história da historiografia é o estudo de historiadores individuais, nenhum estudante de história da historiografia faz seu trabalho corretamente a menos que ele seja capaz de me contar se o historiador ou historiadores que ele estuda usaram a evidência de modo satisfatório. Isso é suficiente para descartar a maior parte da atual superprodução na história da historiografia: todas aquelas estimadas pequenas dissertações sobre Barônio, Gibbon, Renan e Grote por pessoas que não são capazes de traduzir nenhum dos textos que estes historiadores controlavam (*Ibidem*, p. 264. Grifos meus).⁷

Se, ainda de acordo com Momigliano, White não poderia ser inserido como parte desse “*inutile genus*”, isto é, dessa “classe inútil”, seu trabalho, ou antes, ele próprio não mereceria maiores considerações. Ao tipificar as formas de história e oferecer modelos de uma história

6 “*The process of creating a new story by critical elimination of other stories meant at the beginning of the fifth century B.C. what it still means at the end of the twentieth century A.D., that the true story has shown to be in agreement with the evidence while the false stories are shown to be in conflict with the evidence*”.

7 “*What is true about me is true about any other historian, past or present. As history of historiography is basically a study of individual historians, no student of the history of historiography does his work properly unless he is capable of telling me whether the historian or historians he has studied used the evidence in a satisfactory way. This is enough to dispose of most of the present over-production in the history of historiography: all these dear little dissertations on Baronio, Gibbon, Renan and Grote by people who would not be able to translate any of the texts those historians controlled*”.

da historiografia autorizada, Momigliano contrasta e rejeita os trabalhos de Benedetto Croce e de White: o primeiro teria menosprezado o controle da evidência em virtude de sua crença transcendental na onipresença de um Espírito absoluto que regularia o trabalho e a vida, enquanto o segundo sequer disporia dessa justificativa; White considera apenas o caos. Isso deveria levá-lo a ter um zelo ainda maior pela evidência, mas não é o que acontece. Momigliano não deixa de se perguntar: “Onde White encontra a evidência que ele precisará seja para viver no caos ou para salvar a si mesmo do caos?” (*Ibidem*, p. 265).⁸

Aqui, evidentemente, a investigação historiográfica de Momigliano parece ter ultrapassado a historiografia de White. Aparentemente não se trata mais de um debate argumentativo, uma disputa lógica, mas um enfrentamento moral pela conduta de vida adequada. Exagero? Talvez não. O próprio Momigliano, na sequência do texto, assevera que está defendendo o caso nos termos mais favoráveis para White (*Ibidem*, p. 266)! Como responder então a perspectivas como essas que, segundo o historiador italiano, repousam sobre a tese de que não há diferenças entre uma história verdadeira e uma estória falsa (*Ibidem*, p. 266)? De modo análogo a Políbio e Luciano, Momigliano defende – num artigo, é importante recordar, publicado na *Comparative criticism*, uma revista de Literatura Comparada voltada para a colaboração interdisciplinar – que é imperativo distinguir a história de outros tipos de saberes, isto é, reforçar as fronteiras disciplinares. Caso seja necessário, as armas para esse empreendimento podem não apenas extrapolar o campo lógico, mas também autorizar a mobilização de componentes éticos, pessoais e conjunturais. Além disso, Momigliano não hesita em constituir uma hierarquia entre a história e sua reflexão teórica de modo a excluir o trabalho de White dos debates sobre o conhecimento histórico: para o historiador italiano, White não faz história e resta-lhe, no máximo, o trabalho teórico (Momigliano, 1981, p. 268). Por fim, o autor sugere: White deveria reconhecer, na segunda edição de seu livro, que a retórica foi por um longo período um dispositivo efetivo para o historiador, mas jamais essencial (*Idem*). O profeta do caos deveria, enfim, ao menos se retratar.

No ano posterior, em conferência intitulada “História numa era de ideologias”, Momigliano retoma o mesmo tema, a relação da história com a retórica, e o mesmo alvo, Hayden White. Aliás, é necessário nuançar: o argumento central repousa na recusa de qualquer contato entre os saberes. Trata-se justamente de refutar a indistinção entre historiadores e retores (Momigliano, 1982, p. 495). Se o diagnóstico, baseado na corrosão do valor da evidência, é análogo, os encaminhamentos sugeridos pelo historiador italiano acrescentam novas camadas à questão. Tal como no artigo prévio, Momigliano constata, com surpresa, o fascínio despertado pela retórica em historiadores e estudantes de história. O “remédio” para essa “doença” cética – para mobilizar o vocabulário médico do autor – reside na própria história da história (*Ibidem*, p. 496).

O pesquisador italiano então elabora uma historicização da prática histórica de antigos

8 “Where does White find the evidence he will need either to live in chaos or to save himself from chaos?”.

a modernos e procura identificar, a partir do Renascimento, o desenvolvimento de uma nova faceta para a história: a incursão no sistema educacional. Segundo o autor, essa constatação, simultaneamente “básica” e frequentemente “esquecida” (*Ibidem*, p. 497), permite contribuir com o debate atual. Se o maior alcance da história pode, à primeira vista, parecer vantajoso, para Momigliano, de modo diverso, isso revela-se problemático, pois uma característica fundamental da história é que ela esteve, desde o princípio, endereçada a “mentes adultas” (*Idem*).⁹ Apenas no contexto moderno, o saber histórico passou a ser ensinado em escolas e universidades e, assim, teve seu público não apenas ampliado, mas também diversificado. Essa nova dimensão acarretou graves consequências, pois o “ensino frequentemente aumentou a tentação de oferecer conclusões sem o devido suporte da evidência” (Momigliano, 1982, p. 506).¹⁰ O impulso que invade o saber histórico contemporaneamente permitiu reflexões sobre o futuro – algo que deve ser evitado, na medida em que não é uma prerrogativa do trabalho do historiador – ao menos não do historiador autorizado. A citação é extensa, mas merece um olhar mais detido. Nos seus termos:

Assim que você começar a pedir ao historiador que faça o que ele não pode fazer, você o envolverá no tipo de problema que estamos observando agora. Na confusão que se segue, seria fácil afirmar que a tarefa do historiador não é fornecer informações objetivas sobre o passado, mas sim uma mensagem para o futuro. Essa é exatamente a posição preferida por aqueles que definem a história como um ramo da retórica e negam a capacidade do historiador de descobrir o passado, mas esperam dele um plano para o futuro. Não devemos ter dúvidas sobre o ponto fundamental. O historiador trabalha com evidências. A retórica não lhe diz respeito. O historiador deve assumir critérios comuns de bom senso para julgar suas próprias evidências. Ele não deve se deixar persuadir de que seus critérios de verdade são relativos e que o que é verdade para ele hoje não será mais verdade para ele amanhã (*Idem*).¹¹

Momigliano, portanto, estabelece uma diferença entre duas práticas de história: aquela

9 Aliás, a tipologia elaborada por Momigliano inclui, além de “mentes adultas” (1982, p. 497 e 505), expressões como: “clientes adultos” (*adult customers*) (1982, p. 499) e “leitores adultos” (1982, p. 507).

10 “*teaching has often increased the temptation of offering conclusions without due support from the evidence*”.

11 “*As soon as you begin to ask the historian to do what he cannot do, you will involve him in the sort of trouble we are just now noticing. In the ensuing confusion it would be easy to claim that the historian's task is not to give objective information about the past but to provide a message for the future. This is exactly the position preferred by those who define history as a branch of rhetoric and deny the historian's ability to discover the past, yet expect from him a blueprint for the future. Let us be in no doubt about the fundamental point. The historian works on evidence. Rhetoric is not his business. The historian has to assume ordinary commonsense criteria for judging his own evidence. He must not allow himself to be persuaded that his criteria of truth are relative and that what is true for him today will no longer be true for him tomorrow*”.

do “historiador prudente”, que busca a verdade e se apoia apenas na evidência, e aquela do “historiador profeta”, que acredita que a história é um ramo da retórica, sustenta a relatividade da verdade e se permite oferecer opiniões sobre o futuro. Se a primeira intervenção de Momigliano, analisada acima, fora motivada por um embate sobre o conhecimento pelo futuro da história, aqui é justamente esse tipo de postura que é criticado. O porvir da disciplina se mostra assim simultaneamente delimitado e inatingível: delimitado, na medida em que a verdade é um critério perene; inatingível, pois o futuro não pode ser alvo de deliberações por parte dos historiadores que, nesse caso, são antes “profetas” do que “prudentes”.

Semelhantes, contudo, são as curas encontradas no próprio passado da disciplina. O remédio para a doença pode ser obtido, mais uma vez, na própria história da história, na manutenção do que ela sempre foi. Momigliano encerra a sua contribuição reiterando a estabilidade do saber num tempo conturbado: “O que eu gostaria de sugerir, por fim, é que a história deve permanecer, mesmo nos tempos de educação de massa, o que era quando escrita para um número reduzido de leitores adultos – isto é, informação sobre o passado” (Momigliano, 1982, p. 507).¹² Excluir o presente e o futuro do escopo da história permite a Momigliano isolar o conhecimento da sedução retórica e, desse modo, salvaguardar a prática.

No entanto, o tema não parece suficientemente resolvido, por isso Momigliano volta à questão em um novo artigo de 1985, agora intitulado “História entre medicina e retórica”. A preocupação de fundo parece ser a mesma, isto é, o ceticismo relacionado ao saber histórico (Momigliano, 1985, p. 24). Novamente Hayden White é mencionado, na medida em que ele teria recusado a possibilidade de uma história narrativa “real” em oposição a uma história analítica (*Ibidem*, p. 23). Aqui, contudo, Momigliano mobiliza outra estratégia: as relações da história com a retórica são investigadas a partir de um terceiro saber, a medicina. O historiador italiano se propõe a analisar a seguinte questão: por que a retórica foi capaz de se aproximar e mesmo se sobrepor à história, enquanto o saber médico conseguiu escapar desse contato? (*Ibidem*, p. 16). Sem defender uma resposta definitiva ou alentada para o problema, Momigliano sugere alguns indícios, como a percepção de que foi a aproximação da medicina com a filosofia que evitou um contato maior daquela com a retórica (Momigliano, 1985, p. 18). Assim, reaparece a cisão – platônica – entre retórica e filosofia.

Quanto às relações entre a história e a retórica, Momigliano é mais extenso. Ainda que retóricos como Cícero e Dionísio de Halicarnasso tenham escrito sobre o conhecimento histórico, suas contribuições foram sempre parciais e tenderam a se restringir ao estilo mais apropriado para a narrativa ou reflexões sobre a linguagem dos historiadores (*Ibidem*, p. 16-17). A dimensão ausente, fundamental no entender de Momigliano, diz respeito à verdade:

A resposta à questão sobre as relações entre retórica e história na antiguidade

12 “What I ultimately want to suggest is that history must remain, even in times of mass education, what it was when it was written for a limited number of adult readers - namely, information about our past”.

então parece-me qualificada: os retóricos intervinham para decidir como alguém deveria escrever história, dado que os historiadores discordavam entre si sobre o estilo histórico e além disso inseriam discursos nos seus próprios trabalhos (*Ibidem*, p. 18).¹³

A consideração dos retores pela questão do estilo e não pela verdade torna a própria abordagem retórica secundária. Dito de outro modo, o critério fundamental da verdade continua a ser o elemento que distingue a história da retórica, tal como já distinguiu a retórica da filosofia. Segundo Momigliano: "Retóricos antigos, como eu disse, identificaram a questão da verdade, mas a descartaram por estar além de suas capacidades" (Momigliano, 1985, p. 19).¹⁴ Luciano, caracterizado como um "teórico não-retórico sobre a história", reforça a separação entre os saberes, mas não é possível esperar dele algo que ele não pretendia oferecer, isto é, uma reflexão sobre a metodologia da pesquisa histórica. Parte desta ausência, informa Momigliano, deve-se ao fato de que a história, durante seu nascimento no século V a.C., não precisava competir com um discurso em prosa que fosse ficcional. Mesmo quando esse tipo de discurso passou a existir ele permaneceu demasiadamente inocente e, portanto, incapaz de provocar reflexões metodológicas. Aliás, essa parece ser uma das marcas centrais do debate antigo sobre a história: "A ausência destas reflexões permanece uma característica distintiva que todos nós precisamos levar em consideração ao decidir do que a história tratava na antiguidade clássica" (*Ibidem*, p. 21).¹⁵ Se a conclusão soa decepcionante, na medida em que limita-se a constatar uma lacuna reflexiva, o próprio o historiador italiano procura, no encerramento do texto, oferecer o exemplo herodoteano como uma "consolação" (*Idem*).

Definido como o primeiro "historiador crítico", Heródoto é exaltado e defendido por Momigliano, pois ao mesmo tempo em que reconhece um mundo de verdades externas e experiências memoráveis sobre deuses e homens, também não deixa de apontar o zelo e a metodologia adotada pelo historiador:

O elemento de descoberta nunca está separado do elemento de apreciação; e ambas, descoberta e apreciação, implicam um esforço complexo de pesquisa, por meio de viagens, de questionamentos (e então seleções) de testemunhas, pela comparação de costumes e eventos e, enfim, por dar

13 "The answer to the question about the relations between rhetoric and history in antiquity therefore seems to me a qualified one: the rhetoricians intervened to decide how one had to write history, given that the historians were in disagreement among themselves about historical style and furthermore inserted speeches into their own works".

14 "Ancient rhetoricians, as I have said, recognized the question of truth, but disregarded it as being outside their competence".

15 "The absence of such reflections remains a characteristic feature which we all have to take into account in deciding what history was about in classical antiquity".

preferência a certos tipos de evidência em comparação com outros (Momigliano, 1985, p. 22-23).¹⁶

A despeito da ausência de reflexões sistemáticas, a alusão, mais uma vez, às evidências permite reconhecer a importância do primeiro dos historiadores e, sobretudo, de seu legado como o protótipo de um historiador criativo e como o descobridor de novos objetos no interior da experiência humana ordinária (*Ibidem*, p. 24). O encerramento do texto não deixa de ter um caráter enfático e apologético – aliás, características do gênero retórico epidídico. O modelo herodoteano contrasta com uma descrença generalizada na capacidade de acessar o passado; ou seja, diante de um ceticismo em crescimento, Momigliano parece oferecer a tradição como saída, como cura. A resposta, assim, está no passado. Seja porque aí reside o tempo privilegiado do historiador, seja porque o modelo antigo é ainda suficiente para responder aos perigos de um presente cético e de uma educação de massas. Num artigo, enfim, que correlaciona história, medicina e retórica, as duas primeiras parecem mais próximas do que jamais foram, enquanto a última continua a ser vista, desde a Antiguidade, como uma doença perigosa.

2. Ricoeur e a história como antístrofe da retórica

Aristóteles é não somente uma referência constante para Paul Ricoeur, quanto o tema da retórica atravessa muitas das suas produções. Aliás, conforme sustenta Andreea Deciu Ritivoin (2006, p. 2), ainda que não seja um “teórico da retórica”, suas reflexões permitiram remodelar [*refashion*] a teoria moderna da retórica. Alguns indícios atestam essa afirmação: uma breve consulta aos índices onomásticos de algumas de suas obras sugere que o estagirita é um dos principais – senão o principal – interlocutor de Ricoeur.¹⁷ Também a retórica, como já mencionado, é um objeto frequente nos seus trabalhos, seja como um tema específico, como no primeiro e segundo estudos de *A metáfora viva*, intitulados respectivamente “Entre retórica e poética: Aristóteles” e “O declínio da retórica: a tropologia” (2000, p. 17-105), seja em

16 “*The element of discovery is never separated from the element of appreciation; and both discovery and appreciation imply a complex effort of research, by travelling, by questioning (and therefore selecting) witnesses, by comparing customs and events and finally by giving precedence to certain types of evidence in comparison with others*”.

17 Evidentemente o levantamento busca apenas indicar a constância e recorrência das alusões sem recuperar, de modo substantivo e qualitativo, o teor de todas as citações. Assim, Aristóteles aparece como o principal interlocutor de Ricoeur em diversas obras, como *A metáfora viva* (2000, p. 495), dois dos três volumes de *Tempo e Narrativa* (1997, p. 511), além de *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 524).

correlação com outros saberes, práticas e procedimentos, como em *Rhétorique-Poétique-Herméneutique*, cujo argumento pressupõe tanto a independência de cada disciplina, quanto a complementaridade entre elas (1986, p. 155). Algo análogo pode ser dito sobre as relações entre história e retórica, abordadas, por exemplo, na seção “Representação e retórica”, inserida na segunda unidade – “História / Epistemologia” – de *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 261-274), além de “Da poética à retórica” que é parte da segunda seção – “Poética da narrativa: história, ficção, tempo” – do terceiro volume de *Tempo e narrativa* (1997, p. 277-282). Alguns desses trabalhos são fundamentais para a discussão do autor referente ao *topos* em questão, mas foram já analisados por diversos especialistas e comentadores (LaCapra, 1983, p. 118-144; Ritivoi, 2006; White, 2007; Hartog, 2017, p. 85-117).

No entanto, há uma contribuição fundamental de Ricoeur que, salvo engano, não recebeu ainda a devida atenção. Intitulado “História e Retórica”, o texto é parte de um número da *Revista Diogène* voltado para o tema da “Responsabilidade social do historiador”. Publicado em francês e inglês em 1994, o dossiê reúne historiadores de diferentes nacionalidades e especialidades, como François Bédarida, Christian Meier, Enrique Florescano, Eric Hobsbawm, Aron Gurevich e Nicola Gallerano. Ricoeur é o único autor sem uma formação específica em história e, de fato, sua intervenção é bastante diferente dos demais textos publicados. Tal como para Momigliano, a dimensão ética pensada a partir da retórica também não está ausente da iniciativa do filósofo francês, mas as possíveis semelhanças entre os autores cessam nesse ponto.

O autor reconhece, na abertura de seu texto, que a proposta de refletir sobre os aspectos retóricos da história pode, à primeira vista, parecer paradoxal, pois o discurso histórico não foi incluído por Aristóteles entre os gêneros da retórica. Para contornar esse problema, Ricoeur aponta uma primeira aproximação entre os dois saberes: ambos funcionam como discursos concorrentes, ou seja, narrativas alternativas sobre os mesmos eventos que, por isso, demandam escolhas. Nesse sentido, o filósofo reconhece que a história permite descrições variadas de uma mesma série de eventos (Ricoeur, 1994, p. 9). Como é possível depreender, essa constatação já sugere uma diferença significativa entre a história de Momigliano, dotada de uma posição privilegiada e incontestável, e aquela de Ricoeur, concebida como um discurso, entre outros, que requer disputas e enfiamentos para assegurar sua legitimidade. A iniciativa também desloca a pergunta central: “quais aspectos ou elementos da retórica contribuem para a formulação de julgamentos pelo público acadêmico ou geral em relação a trabalhos que a profissão histórica em si considera válidos para serem incluídos no universo do discurso histórico?” (*Idem*).¹⁸

Como se percebe, o deslocamento não é pequeno. Ricoeur procura incluir a recepção, ou os julgamentos, por parte do público interessado, tanto o acadêmico, quanto o extra-

18 “*quels aspects ou quelles parties de la rhétorique peuvent contribuer à la formation du jugement porté par le public savant ou par le grand public sur les œuvres que la profession des historiens considère comme méritant d’être comptées comme discours historique*”

acadêmico. Momigliano, nos textos acima discutidos, adota uma posição diversa ao suspeitar do discernimento de uma audiência leiga. A história, dizia o historiador italiano, deve se endereçar apenas a “mentes adultas”. Para Ricoeur, contudo, a ampliação do escopo do saber e de seus eventuais públicos permite reabrir os laços entre as práticas e, assim, incorporar, no saber histórico, duas conquistas do saber retórico: por um lado, a preferência da retórica pelo argumento baseado na lógica do provável e, por outro, o desenvolvimento da teoria das figuras. Para o filósofo, todos os maiores tratados da retórica comportaram esses dois eixos, argumentação e tropologia, como partes diversas de um mesmo campo unificado (Ricoeur, 1994, p. 10). Essa percepção será central para o argumento e tem repercussões importantes, pois Ricoeur pretende sugerir que seria limitador pensar a escrita da história a partir de apenas um destes polos. Dito de outro modo, se se trata de refletir sobre a historiografia considerando a chave retórica, seria equivocado fazer isso a partir de um desmembramento do saber – como, aliás, parecem fazer não apenas White, mas também Momigliano.

O passo seguinte do argumento, então, é resgatar a retórica na sua integralidade. Nesse sentido, o discurso é definido como uma atividade que parte da “invenção” (*inventio*) para a “memória” e a “pronúncia” (*pronunciatio*), e inclui a “disposição” (*dispositio*) e a “elocução” (*elocutio*).¹⁹ Realizada essa reconstrução, a história pode novamente ser convocada para o debate: a operação histórica, composta, por sua vez, pela tríade “pesquisa documental”, “explicação” e “escrita”, pode ser pensada a partir da estrutura retórica? Os componentes do saber retórico coincidem com as partes do saber histórico? Segundo Ricoeur, sim. Nos seus termos:

Não é arbitrário partir de uma afinidade ao menos superficial entre a invenção retórica e a pesquisa documental, entre a disposição e a fase explicativa e, por fim, entre a elocução e a escrita da história, para investigar a existência de laços mais estreitos do que a simples afinidade exterior entre o percurso oratório e a operação histórica (Ricoeur, 1994, p. 11).²⁰

A aproximação entre a história e a retórica não é assim apenas um exercício especulativo. Ela se torna possível, e mesmo necessária, diante da presente dificuldade de se estabelecer uma ligação entre a abordagem epistemológica do conhecimento histórico, associada à validade científica do saber, e a abordagem literária, preocupada com a dimensão escrita da história. Para Ricoeur, é grave o divórcio entre as teorias voltadas para a questão da

19 Para uma discussão introdutória das partes da retórica e de seus pressupostos, cf. Reboul (2004) e Barthes (2001).

20 “*Il n’est pas arbitraire de partir de la parenté au moins superficielle entre l’inventio des rhétoriciens et la recherche documentaire, la dispositio et le stade de l’explication, enfin l’elocutio et l’écriture de l’histoire, et de s’interroger sur l’existence de liens plus étroits que la simple parenté extérieure entre le parcours oratoire et l’opération historique*”.

prova e as teorias direcionadas ao estilo e à narrativa mobilizadas pela história no intuito de oferecer uma ilusão da presença do passado. Essa ruptura é análoga àquela existente no campo retórico entre a teoria da argumentação e a abordagem tropológica. Não caberia, pergunta Ricoeur de modo retórico, à filosofia da história crítica contestar esse divórcio? Essa é, admite, a sua hipótese no texto. Trata-se, portanto, de mobilizar a chave retórica para melhor compreender a operação historiográfica. O laço entre a história e a retórica é, portanto, reforçado (*Idem*).

No empreendimento riquieriano, os saberes se sobrepõem a partir de seus diferentes estágios e componentes. Seria possível então aproximar, ainda que não de maneira absoluta, a “invenção retórica” da “pesquisa documental histórica”, a “disposição” da “fase explicativa” da história e a “elocução” da “dimensão escrita” da história. Nos dois saberes, há uma ligação interna entre os diferentes componentes de cada operação: na retórica, o núcleo da argumentação é parte da “disposição”, enquanto a tropologia cabe à “elocução”, mas ambas só dispõem da máxima potência quando interligadas; na operação historiográfica, por sua vez, a amarração entre as diferentes partes é ainda mais estreita, na medida em que suas três etapas extravasam as fases nas quais se inserem e complementam-se mutuamente. Assim, a fase inicial da pesquisa documental é análoga à busca por argumentos que caracteriza a “invenção” retórica. O que diferencia as duas operações é que, no caso da história, a etapa não opera de modo isolado, pois a fase “explicativa” já atua aqui ao regular a seleção de documentos a partir de uma hipótese de trabalho. Isso situa a argumentação na história num momento anterior à argumentação na retórica (*Ibidem*, p. 13).

O passo seguinte definido pela aproximação da “disposição retórica” e da “explicação histórica” guarda também semelhanças, uma vez que ambas operam a partir da mesma lógica do provável, ainda que na operação historiográfica seja possível encontrar, com maior ou menor validade, diferentes tipos de explicação: causa e consequência, leis de desenvolvimento, razões possíveis etc. A despeito desta multiplicidade, a composição retórica serve à operação histórica devido ao caráter narrativo desta, considerando que a “explicação” é mobilizada através de um enredo, uma narrativa. Aqui, mais uma vez, temos a necessidade de antecipar o passo seguinte da historiografia, sugerindo que a forma narrativa não apenas se sobrepõe à “explicação”, mas é consubstancial a ela (Ricoeur, 1994, p. 15). Dito de outro modo, a narratologia demonstra que a narrativa, qualquer que seja seu caráter, já possui um potencial explicativo e/ou cognitivo. A proximidade entre a “disposição” e a “explicação”, contudo, não significa ausência de diferenças e talvez a principal delas seja que a história é parte das ciências sociais, na medida em que seu componente epistemológico não permite que a narrativa adquira proeminência ou autonomia absoluta na operação historiográfica. Segundo Ricoeur: “Há uma contínua alternância entre explicação e escrita, ou, para permanecer dentro do vocabulário das categorias retóricas, a forma narrativa é situada dentro

do arco da 'disposição' e da 'elocução'" (*Ibidem*, p. 17).²¹

Ingressa-se assim no terceiro momento da aproximação da retórica com a história que, de acordo com o autor, compreende o espaço no qual emergiram as sugestões de afastamento entre a "escrita" e a "pesquisa", deslocando ou mesmo anulando o estatuto científico da história. A retórica evocada aqui já não é mais aquela vinculada à teoria da argumentação, mas a retórica da teoria tropológica. Ao ser concebida como autônoma, a "elocução" rompe os vínculos com a "invenção" e a "disposição" produzindo uma retórica restrita (*rhétorique restreinte*) (*Ibidem*, p. 18). Quando importada à análise da historiografia, a "elocução" inflacionada também é prejudicial, pois sugere o isolamento da fase narrativa frente às demais dimensões da operação histórica – permitindo, desse modo, a aproximação da historiografia com outros empreendimentos narrativos como a ficção. Torna-se possível então classificar as histórias, tanto os relatos historiográficos, quanto as filosofias especulativas, a partir de seus tropos dominantes: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Os tropos atuam ao prefigurar a representação do historiador que, assim, antecede as demais etapas do processo. Nesse ponto, evidentemente, Ricoeur está aludindo a White (Ricoeur, 1994, p. 17).

Se o intuito inicial do teórico norte-americano era destacar a liberdade e a criatividade inerentes ao trabalho dos historiadores, a ampliação desmesurada do papel da retórica (através da tropologia) conduziu à perda de acesso à realidade, o que, por sua vez, comprometeu a construção da verdade. O investimento – excessivo para Ricoeur – na dimensão tropológica sugere a amplitude de opções para o trabalho histórico, mas pode resultar justamente na posição contrária ao limitar, logo na abertura da operação, as alternativas devido à necessidade da prefiguração (Ricoeur, 1994, p. 20). A existência, aliás, desse passo inicial "compulsório" leva Hartog (2017, p. 87), de modo análogo, a sugerir que "Meta-história" poderia, em realidade, ser intitulado de "Pré-História". Desse modo, exclui-se a possibilidade que, para o filósofo francês, seria fundamental e que originou sua intervenção: a escolha entre narrativas concorrentes, pois a tropologia tende a submeter e esvaziar a explicação. Como já dito, Ricoeur refuta essa organização ao sugerir que a ligação entre as fases ou etapas e, portanto, a união entre argumento e tropologia, jamais pode ser rompida. A fim de "conter" a radicalidade da proposição de White, o filósofo então mobiliza a leitura desenvolvida por Hans Kellner: o historiador norte-americano poderia ser classificado como parte de uma longa linhagem de humanistas que, de Lorenzo Valla a Vico, substituíram a lógica pela retórica. Se a retórica passa a dominar todo o empreendimento historiográfico – incluindo as etapas da "pesquisa documental" e da "explicação" – então a verdade perde espaço (Ricoeur, 1994, p. 20). Assim, a estratégia de Ricoeur revela-se inventiva: o filósofo restringe o uso da retórica no conhecimento histórico – ao denunciar a inflação – ao mesmo tempo em

21 "La transition est donc continue entre explication et écriture; ou, pour rester dans le registre des catégories rhétoriques, la forme narrative se tient à la flexion de la dispositio et de l'elocutio".

que defende uma apreensão integral – e não mais limitada – da prática retórica. A operação permite igualmente reconhecer o próprio valor da teoria e da filosofia da história como atividades legítimas e importantes – medida que acentua a diferença em relação a Momigliano que, como salientado, rebaixava o investimento teórico na história.

Como escapar dessa armadilha sem retornar a um realismo ingênuo, cujo pressuposto é a correspondência direta entre o passado e a sua representação? Para superar essa leitura superficial, Ricoeur oferece três respostas sobre a história que permitem auferir a importância e a validade da prática: a primeira pressupõe a necessidade de uma teoria da ação que avalie a agência e atuação dos indivíduos nos acontecimentos; a segunda procura evidenciar uma aderência formal entre o passado e o historiador, ou seja, a percepção de que o sujeito e o objeto habitam uma mesma estrutura espaço-temporal; e a terceira diz respeito a uma aderência material que faz dos historiadores herdeiros das gerações anteriores e, mais do que isso, reconhece suas dívidas para com o passado (*Ibidem*, p. 23-25). Sem o intuito de aprofundar as soluções propostas aqui, é importante mencionar, contudo, que Ricoeur reconhece a importância de Aristóteles para a primeira solução, ainda que a obra referencial seja não a “Retórica”, mas a “Poética” a partir da expressão *mimesis praxeôs*, que correlaciona a ação humana com a história a ser contada (*Ibidem*, p. 24). Todas as repostas, enfim, permitem identificar e caracterizar a relação indireta, por traços, da história com a representação do passado. Além disso, como âncoras, essas advertências teóricas, formais e particulares inviabilizam a divisão entre tropologia e argumentação que esvazia não apenas o campo da retórica, mas também o da história. Ricoeur sintetiza:

Esta inflação tropológica foi o resultado da revolta da tropologia contra a argumentação; que deve permanecer o centro de gravidade da epistemologia da história. Finalmente, o papel preeminente da argumentação só pode ser restaurado se a própria explicação não for separada da pesquisa pela evidência documental. Assim, somos convidados a retrair em ordem inversa a sequência da grande tradição retórica: da *elocutio* à *inventio* por meio da *dispositio*. Só assim a retórica pode permanecer, como queria Aristóteles, a “antístrofe” da dialética no sentido de uma lógica do provável (Ricoeur, 1994, p. 26).²²

A proposta chama atenção: Ricoeur encerra seu texto aludindo à frase de abertura da

22 “cette inflation tropologique résulte du retournement de la tropologie contre l’argumentation, qui doit rester le centre de gravité de l’épistémologie de l’histoire. Enfin, le rôle prééminent de l’argumentation ne peut être préservé que si l’explication n’est pas elle-même séparée de la recherche de la preuve documentaire. Ainsi sommes-nous invités à parcourir en sens inverse la séquence de la grande rhétorique: de l’elocutio vers l’inventio, en passant par la dispositio. C’est à ce prix que la rhétorique demeure, comme le voulait Aristote, l’antistrophe de la dialectique au sens de logique du probable”.

Retórica de Aristóteles.²³ A noção mobilizada pelo estagirita, antístrofe, deriva da ode pindárica e do teatro antigo e pressupunha um movimento de retorno, uma inversão – a mesma inversão, analogamente, proposta por Ricoeur em relação ao saber retórico. Por meio dessa reapropriação do legado antigo, a retórica redescobre então um laço fundamental: sua complementaridade com a dialética. As fronteiras assim não apenas se ampliam, como também ganham o reforço de um saber adicional, a história, voltada para a argumentação científica. O movimento de ampliação permite tanto resgatar uma noção de retórica integral, quanto ressaltar o valor da história que, ao receber o aporte de outros saberes, reforça sua própria importância.

3. História e retórica: entre muros e pontes

Para Momigliano, as fronteiras entre a história e a retórica não permitem contatos. Se no passado algumas pontes foram estabelecidas, no presente é necessário reafirmar as diferenças, reconstruir os muros. Absoluta também é, ou parece ser, sua concepção de verdade. É a estabilidade da verdade que assegura a estabilidade da disciplina. Isso permite preservar e definir o que se entende por história e quais são os modos legítimos de praticá-la. A fim de “controlar” as variações do saber, o autor multiplica e normatiza as modalidades de atuação – “história da historiografia” e “teoria da história” – além de hierarquizar seus agentes diretos – “historiador prudente” e “imaturo” – e a própria audiência da história. Nesses termos, a solução oferecida pelo historiador italiano parece simplificar uma questão complexa. Em três intervenções, Momigliano reitera a máxima de que a história lida com a verdade. Se os contextos moderno e contemporâneo introduziram modificações, como a dimensão pedagógica do saber histórico e a educação de massas, a história propriamente não sofreu ou não deve enfrentar adaptações. Na Antiguidade, de modo diverso, a história não precisava disputar espaço com discursos concorrentes. Essa posição privilegiada, absoluta, teve como consequência a ausência de reflexões metodológicas. Quando transpõe a prática antiga da história ao momento contemporâneo, Momigliano parece reivindicar não apenas a manutenção dessa posição absoluta, mas também a inutilidade ou a redundância das abordagens metodológicas e teóricas. Por isso, seria possível descartar muitos trabalhos de história da historiografia. A estabilidade, ou a a-historicidade da sua leitura, é reforçada quando o modelo herodoteano, no fim da última intervenção analisada, é mobilizado como a cura para uma doença contemporânea, capaz de contaminar e fascinar aqueles dotados de mentes “imaturas”. Ao cabo, Heródoto ajuda a reforçar os limites entre os saberes e poderia ser concebido, a partir das proposições de Joan Scott (1998), como um membro das “patrulhas

23 Na versão de Manuel Alexandre Júnior, os termos utilizados são, contudo, diferentes: “A retórica é a outra face da dialética” (1354a) (Aristóteles, 2005, p. 89). Para uma análise detalhada do termo, das possíveis traduções e suas implicações, cf. Patriota (2022, p. 49).

de fronteira”, ou seja, agentes que impedem o trânsito entre as disciplinas e saberes – posição esta, creio, extensível também a Momigliano. Aliás, o próprio historiador italiano parece ciente dessa tarefa: no artigo de 1981, ele reconhece que sua atuação em defesa da disciplina se assemelha ao trabalho do policial ou do juiz (Momigliano, 1981, p. 266). Ao encerrar a disciplina no seu passado e excluir as adaptações e modificações do presente, Momigliano contribui para uma história imutável ou, como também sugere Scott, para a perpetuação de uma “história-como-sempre-foi-escrita” (*“history-as-it-has-always-been-written”*) (Scott, 1989, p. 681).

Na leitura de Ricoeur, contudo, Aristóteles não separa, mas une. Sua atuação não é vigiar as fronteiras, mas ultrapassá-las com o aporte da Poética e, sobretudo, da Retórica. O filósofo francês utiliza a armação retórica para refletir sobre a operação historiográfica. Esse primeiro movimento reforça os laços entre os saberes. A ponte entre as práticas é estabelecida por características comuns e potencialidades afins. Ambas, por exemplo, são concebidas tanto como discursos que constituem uma sociedade autônoma e plural, quanto são resultados dessa diversidade. Daí a necessidade de contendas e disputas entre narrativas alternativas e divergentes. Esse aspecto não é concebido como uma limitação da história e da retórica – na medida em que as práticas não se apresentam como discursos absolutos –, mas justamente como uma riqueza, pois isso concede ao público especializado e leigo autonomia e independência. Além do mais, é esse pertencimento a uma sociedade diversa que sugere a importância da colaboração entre os saberes, desde que evidentemente reconhecidas as suas possibilidades. Por fim, essa concepção sugere a necessidade de práticas maleáveis e estimula a contínua reflexão teórica e epistemológica acerca das disciplinas – ao contrário de rebaixar esses investimentos críticos, como faz Momigliano. Dessa forma, as frases finais da contribuição de Ricoeur invertem a relação inicial (da retórica em direção à história), pois o filósofo utiliza a armação historiográfica para repensar – e justificar – a operação retórica (da história para a retórica). Só a partir da reedição da antiga estrutura básica que unificava argumento e tropologia, algo a ser defendido por via historiográfica, é possível resgatar o sentido pleno da *Retórica* aristotélica, que opera potencialmente como antístrofe da dialética no sentido da lógica do provável. O laço entre a retórica e a história parece, portanto, reduplicado e não seria incorreto sugerir que poderíamos conceber a operação histórica como antístrofe da retórica, na medida em que a lógica do provável serviria à história tanto para refutar o realismo ingênuo, quanto para protegê-la da completa separação entre a argumentação e a tropologia, a dimensão científica e a dimensão literária.

Momigliano e Ricoeur respondem assim a White mobilizando duas histórias e duas retóricas, ou seja, oferecem duas abordagens bastante diversas – se não antagônicas – da reapropriação historiográfica do legado retórico antigo. A ideia não é nova. Num colóquio realizado em 1990 e voltado para as “Estratégias contemporâneas de apropriação da Antiguidade”, Barbara Cassin identifica as recepções variadas da filosofia aristotélica e da sua obra em diferentes momentos e por diferentes autores. A fim de apreender essas releituras no contexto da virada linguística, a filósofa francesa retoma sua proposta de conceber a sofística não como oposição à filosofia, mas como outro modo de fazer filosofia. Seria possível

concretizar, assim, uma história sofisticada da filosofia, que estivesse atenta menos à unidade da verdade e mais às disputas e performances de autores e textos; uma história, enfim, que resgataria o que a sofística poderia oferecer de melhor, o *agon*, a disputa (Cassin, 1992, p. 434-435). A sugestão, penso, pode ser útil para discutir esse capítulo do *topos* voltado às relações entre as práticas histórica e retórica. Afinal, refletir – tal como tentei fazer aqui – sobre as contribuições de Momigliano e Ricoeur como performances permite valorizar os impactos e efeitos dos discursos como atos que, por sua vez, envolvem, por exemplo, a perspectiva da catarse e da cura diante do caos instituído pelo White de Momigliano, ou das dimensões políticas e colaborativas ressaltadas por Ricoeur, ao sugerir a relação consubstancial entre os saberes. Assim, trata-se menos de cercar a história a partir da busca de uma verdade imutável, e mais de reconhecer a porosidade e a possibilidade de diálogo entre as práticas. São iniciativas divergentes que expressam duas estratégias em disputa: enquanto o historiador italiano concebe a solução no fechamento das fronteiras e na construção de muros, o filósofo francês procura valorizar as trocas e as pontes entre a história e a retórica.

Referências

- ALEXANDROVA, Donka. Aspects rhétoriques du discours historique. In: PERNOT, L. (Ed.). *New Chapters in the History of Rhetoric*. Leiden, Netherland: Brill, 2010.
- ARISTÓFANES. *As nuvens*: uma comédia grega. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BARTHES, Roland. A Antiga Retórica. In: *A Aventura Semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOULAY, Bérenger. *Poétique et rhétorique du récit historiographique: pour un nouveau discours de l'histoire*. 2011. Thèse (Doctorale en Littératures Comparées et Littérature Française) – Université Paris 8, Vincennes, 2011.
- BUTTI DE LIMA, Paulo Francisco. História e Retórica na Grécia Clássica. *Discurso*, São Paulo, n. 21, p. 171-186, 1993.
- CASSIN, Barbara. *Ensaio sofisticado*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- CASSIN, Barbara. Aristote et le linguistic turn. *Revue des Études Grecques*, t. 106, fasc. 506-508 – Nos Grecs et leurs modernes. Les stratégies contemporaines d'appropriation de l'Antiquité, p. 432-452, juí-déc. 1993.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.

CHARTIER, Roger. Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória. *Revista de História*, n. 181, p. 1-22, 2022.

COGITORE, Isabelle; FERRETTI, Giuliano. L'histoire face à la rhétorique : un défi à relever. *Présentation. Exercices de rhétorique*, n. 3, 17 jun. 2014.

CORREA, Denis. Aristóteles e a história eternamente: o gênero histórico na poética e na retórica. *Espaço Plural*, ano XIX, n. 38, p. 59-79, 2023.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GÓRGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Colibri, 1993.

HARTOG, François. Aristote et l'histoire, une fois encore. *Critique*, v. 769-770, n. 6-7, p. 540-552, 2011a.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

HARTOG, François. *Crer em História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOSTEIN, Antony. Rappels historiographiques. Histoire et rhétorique. et état des lieux. *Hypothèses*, n. 6, p. 219-234, 1^{er} sem. 2003.

JOLY, Fábio D. *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

LACAPRA, Dominick. Who rules metaphor? Paul Ricoeur's Theory of Discourse. In: *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1983.

LACAPRA, Dominick. *History and Criticism*. New York: Cornell University Press, 1985.

LOPES, Daniel. Filosofia e Sofística no Protágoras de Platão. In: PLATÃO. *Protágoras*. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2017.

LUCIANO. *Como se deve escrever a história*. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

MEGILL, A.; MCCLOSKEY, D. N. The rhetoric of history. In: NELSON, J. S.; MEGILL, A.; MCCLOSKEY, D. N. (Eds). *The Rhetoric of the Human Sciences: Language and Argument in Scholarship and Public Affairs*. Madison, Wisc: University of Wisconsin Press, 1987.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Rhetoric of History and the History of Rhetoric: On Hayden White's Tropes. Comparative criticism: a yearbook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MOMIGLIANO, Arnaldo. History in an Age of Ideologies. *American Scholar*, v. 51 n. 4 p. 495-507, Fall 1982.

MOMIGLIANO, Arnaldo. History Between Medicine and Rhetoric. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e Filosofia*, v. 15, n. 3, p. 767-780, 1985.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1993.

PATRIOTA, Murilo Henrique Barrantes. *A definição de retórica em Platão e Aristóteles*. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Penguin, 2016.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, Paul. Rhétorique-Poétique-Herméneutique. In: MEYER, Michel. *De la métaphysique à la rhétorique, essais à la mémoire de Chaïm Perelman avec un inédit sur la logique*. Bruxelles: Ed. l'Université de Bruxelles, 1986.

RICOEUR, Paul. Histoire et rhétorique. *Diogène*, n. 168, oct.-déc. 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

RITIVOI, Andreea Deciu. *Paul Ricoeur: Tradition and Innovation in Rhetorical Theory*. New York: State University of New York Press, 2006.

SCHAFER, E. S. Editor' note. *Comparative criticism: a yearbook*. Cambridge: Cambridge University Press, n. 3, p. XI-XXII, 1981.

SCOTT, Joan W. History in Crisis? The Others' Side of the Story. *American Historical Review*, n. 94, p. 680-692, June 1989.

SCOTT, Joan W. Border Patrol - contribution to Forum: A Crisis in History? On Gérard Noiriel's Sur la Crise

de l'Histoire. *French Historical Studies*, v. 21, n. 3, p. 383-397, Summer 1998.

SILVEIRA, Pedro Telles da. *Um lance de retórica: retórica e linguagem na construção do discurso histórico*. Vitória: Milfontes, 2020.

WELLBERY, David E. Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica (com John Bender). In: *Neo-Retórica e Desconstrução*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

WEIL, Raymond. *Aristote et l'histoire*. Paris: Klincksieck, 1960.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.

WHITE, Hayden. Review article: Guilty of history? The longue durée of Paul Ricoeur. *History and Theory*, Cambridge, n. 46, p. 233-251, 2007.

Agradecimentos

Uma versão preliminar desta pesquisa foi apresentada no 31º Simpósio Nacional de História, ocorrido em julho de 2021. Agradeço, nesse sentido, aos colegas e participantes do evento. Além disso, o texto se beneficiou de discussões desenvolvidas em algumas disciplinas ministradas no Departamento de História da PUC-Rio, em especial, os cursos “História e Retórica” (2020/1), “Verdade, verdades” (2020/2) e “História e Justiça” (2021/2), além de Bolsas de Iniciação Científica oferecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sou igualmente grato, portanto, tanto ao CNPq, quanto aos alunos que acompanharam os cursos e participaram do Programa de Iniciação Científica da Universidade.